

Temporada 2023/2024 – Um Chão Comum
Música Antiga
Grande Auditório, 20h, M/6
Coprodução
Centro Cultural de Belém
Instituto Italiano de Cultura de Lisboa

22 mar
2024

Il Giardino Armonico com Giovanni Sollima e Giovanni Antonini

**belém
soundcheck**

CCB

belém soundcheck

Ao fim de 30 anos de atividade, o Centro Cultural de Belém reafirma a sua identidade plural, com a criação de um novo festival de música que aponta a sua programação para vários públicos. O Belém Soundcheck será, assim, o chão comum de uma programação diversificada.

O festival, que ocorrerá de dois em dois anos, aposta na multiplicidade de universos musicais, que vão do fado à música erudita, do jazz à eletrónica, das músicas do mundo às sonoridades exploratórias. Este novo festival irá reunir, num encontro plural, figuras de referência da música internacional com artistas do panorama nacional.

Nesta primeira edição contamos com as parcerias da Égide – Associação Portuguesa das Artes, da EGEAC e do Instituto Italiano de Cultura de Lisboa, que se revelaram fundamentais para este projeto.

Neste contexto, não descuramos as questões de acessibilidade, que temos vindo a trabalhar em estreita colaboração com a ACCESS LAB.

Coprodução Centro Cultural de Belém, Égide – Associação Portuguesa das Artes
Parceria EGEAC, Instituto Italiano de Cultura de Lisboa
Parceria Media RTP, Antena 1, Antena 2 e Antena 3



Programa

Domenico Sarri (1679–1744)

Concerto para flauta de bisel e cordas em Lá menor

Largo, Allegro, Laghetto, Spiritoso

Leonardo Leo (1694–1744)

Concerto em Ré menor L.60 para violoncelo e orquestra

Andante grazioso, Con spirito, Amoroso, Allegro

Luigi Boccherini (1743–1805)

La musica notturna delle strade di Madrid

Quintettino em Dó Maior para cordas op. 30 n.º 6

Le campane dell'Ave Maria

Il tamburo dei Soldati

Minuetto dei Ciechi

Il Rosario

Passa Calle

Il tamburo

Ritirata

INTERVALO

Georg Philipp Telemann (1681–1767)

Concerto em Ré menor TWV 52:D1 para duas trompas e orquestra

Largo, Allegro, Adagio, Vivace

Antonio Vivaldi (1678–1741)

Concerto em Lá menor RV 420 para violoncelo e orquestra

Andante, Adagio, Allegro

Giovanni Sollima (n. 1962)

Passa Calle para 2 chalumeaux, violoncelo, orquestra e contínuo

(Nova versão de 2021)

Lento con libertà, Allegro, Siciliana, Presto

Violoncello

Giovanni Sollima

Flauta, *chalmieu* e direção musical

Giovanni Antonini

Il Giardino Armonico

Chalmieu

Tindaro Capuano

Violinos

Stefano Barneschi, Marco Bianchi

Violino alto

Lina Mosca

Violoncello

Marcello Scandelli

Contrabaixo

Giancarlo De Frenza

Teorba

Michele Pasotti

Cravo

Riccardo Doni



© Marco Borggreve



© Scena

Giovanni Antonini / Giovanni Sollima / Il Giardino Armonico



© Lukas Reichtert

Domenico Sarri

(1679–1744)

Compositor italiano, Domenico Sarri estudou no conservatório napolitano de S. Onofrio. Compôs intensamente no início do século XVIII. A sua ópera *Didone abbandonata*, estreada a 1 de fevereiro de 1724 no Teatro San Bartolomeo de Nápoles, foi a primeira encenação de um libreto maior de Pietro Metastasio, que é lembrado hoje como o compositor de *Achille in Sciro*, a ópera escolhida para inaugurar o novo Teatro di San Carlo em 1737.

Os seus muitos *intermezzi*, *Dorina e Nibbio* ou *L'impresario delle Isole Canarie* (1724) foram interpretados regularmente. Com libreto de Pietro Metastasio (o seu único libreto cómico), *L'impresario delle Isole Canarie* foi interpretado frequentemente e representada internacionalmente (com versões de Albinoni, Gasparini, Leo, Martini, entre outros). Nos últimos anos, foi apresentada no Teatro Estatal de Estugarda, na Sinfónica de Bochum e na Ópera Semper de Dresden.

Além das suas óperas e outras obras de grande envergadura, Sarri escreveu um número considerável de cantatas vocais que mostram grande charme e inventividade. *Coronatemi il crin* para Alto, dois violinos e contínuo, é talvez a sua cantata mais conhecida.

A única representação conhecida de Domenico Sarri é a pintura do vice-rei de Nicolò Maria Rossi na festa do Quattro Altari na coleção Harrach. Sarri é um dos muitos compositores retratados como parte da Corte Napolitana (*La festa dei Quattro Altari*, 1745).

Leonardo Leo

(1694–1744)

Leo nasceu Lionardo Oronzo Salvatore de Leoin San Vito degli Schiavoni (atual San Vito dei Normanni, província de Brindisi) na região da Apúlia, então parte do Reino de Nápoles.

Tornou-se aluno do Conservatório della Pietà dei Turchini, em Nápoles, em 1703, e foi aluno de Francesco Provenzale e depois de Nicola Fago. Diz-se que foi aluno de Pitoni e Alessandro Scarlatti, mas não é provável, embora tenha sido influenciado pelas suas composições. A sua primeira obra conhecida foi um drama sagrado, *L'infedelta abbattuta*, interpretado pelos seus colegas estudantes em 1712.

Em 1714 produziu, no teatro da corte, uma ópera, *Pisistrato*, que foi muito admirada. Exerceu vários cargos na capela real e continuou a compor para palco, além de lecionar no conservatório. Depois de adicionar cenas cómicas à *Bajazette* de Francesco

Gasparini, em 1722, para a apresentação em Nápoles, compôs óperas cômicas em napolitano, como *La mpeca scoperta*, em 1723, e *L'Alidoro*, em 1740.

A sua ópera cômica mais célebre foi *Amor vuol sofferenza* (1739), mais conhecida como *La Finta Frascatana*, muito elogiada por De Brosses. Distinguiu-se igualmente como compositor de ópera séria, sendo *Demofoonte* (1735), *Farnace* (1737) e *L'Olimpiade* (1737) as suas obras mais famosas nesta área, sendo ainda mais conhecido como compositor de música sacra. Morreu de acidente vascular cerebral enquanto estava envolvido na composição de novas árias para uma recriação de *La Finta Frascatana*.

Leo foi o primeiro da escola napolitana a obter domínio completo do contraponto harmónico moderno. A sua música sacra é magistral e digna, mais lógica do que apaixonada, e livre do sentimentalismo presente na obra de Francesco Durante e Giovanni Battista Pergolesi. As suas óperas sérias sofrem de frieza e severidade de estilo, mas nas suas óperas cômicas o compositor mostra um apurado sentido de humor. As suas *cantate da camera* e *cantate con stromenti d'arco* estão entre as melhores obras do género.

Luigi Boccherini

(1743-1805)

Nascido em Luca a 19 de fevereiro de 1743, Luigi Boccherini começou por estudar com o seu pai, Leopoldo. Aos nove anos, foi confiado ao abade Vanucci e posteriormente entregue a Giovanni Battista Costanzi, um aluno de Tartini que residia em Roma. Luigi Boccherini tornou-se célebre aos 13 anos. Contratado pelo Teatro Imperial de Viena, viveu por três períodos nesta cidade, entre 1753 e 1764. Em 1767, uma digressão leva-o a Paris, na companhia do violinista Filippo Manfredini. É então que o embaixador de Espanha o ouve e o convida para Madrid, onde permanecerá, segundo se crê, até à sua morte, apesar das aliciantes ofertas de trabalho oriundas da Prússia e de Paris. Se, apesar das inestimáveis pesquisas do musicólogo francês Yves Gérard (que elaborou um catálogo completo, publicado em 1969), a obra de Boccherini é ainda tão mal conhecida, deve-se seguramente a um equívoco, que fez dele o compositor de apenas um celeberrimo minuete (extraído do Quinteto op. 13, n.º 5) e de um arranjo de um concerto para violoncelo. A abundância das suas composições já bastaria para lhe assegurar um lugar invejável na história da música instrumental italiana da segunda metade do século XVIII. Mas, na fronteira do classicismo e do romantismo, Boccherini é, antes de tudo, um melodista maravilhoso,

com o dom inato de jogar de modo incomparável com o colorido dos instrumentos e não hesitando em utilizar temas fazendo apelo direto ao folclore (a «cor local» *avant la lettre*). Sobretudo, exaltou, tanto na sua música de câmara como nas suas peças orquestrais, os instrumentos de cordas, muito particularmente o violoncelo – que lhe servira para estabelecer a sua reputação de virtuoso.

Morreu em Madrid, a 28 de maio de 1805.

Georg Philipp Telemann

(1681–1767)

Telemann foi incontestavelmente, durante toda a sua longa vida, o músico mais admirado do seu tempo, não só na Alemanha, como também além-fronteiras. A sua curiosidade, aliada a um talento muito diversificado, levou-o a absorver as melhores tradições musicais: a italiana, a francesa e, obviamente, a alemã. Caracterizou-se por uma fecundidade prodigiosa (o seu catálogo reúne mais de seis mil obras) à qual não é, contudo, alheia a sua longevidade, sendo brilhante em todos os géneros, da música de câmara à música sacra e à ópera. Cedo dedicou-se à atividade musical, vivendo primeiro em Leipzig, cidade em que fundou no início do século XVIII o Collegium Musicum, instituição musical que J.S. Bach herdaria mais tarde, em 1729. Após uma breve

estada em Sorau, ao serviço do Conde von Promnitz, e seguidamente em Eisenach, onde se tornou amigo de Bach, permaneceu dez anos em Frankfurt, e acabou por se fixar definitivamente em Hamburgo em 1721, mantendo uma intensa atividade até morrer. Telemann não se limitou a dominar todos os estilos, mas soube adaptar-se à evolução geral dos gostos, da grande tradição contrapontística, representada por excelência por J.S. Bach, até ao limiar do classicismo vienense: em 1767, Haydn tinha 35 anos e já compusera uma série de obras.

Antonio Vivaldi

(1678–1741)

Foi com o seu pai violinista e com Legrenzi (mestre de capela em São Marcos de Veneza) que o jovem Antonio Vivaldi se iniciou no violino. Em 1703, foi ordenado padre, mas tendo uma saúde frágil, começou a ensinar num orfanato que acolhia raparigas órfãs ou abandonadas. Uma vez confirmada a sua reputação em toda a Europa, Vivaldi tornou-se empresário das suas óperas e dos seus célebres concertos, viajando por toda a Itália (nomeadamente Mântua e Roma, cidade onde representou as suas óperas perante o Papa) e pelo estrangeiro sem, no entanto, deixar de residir em Veneza.

O seu contributo para a música foi notável: na esteira de Corelli definiu e impôs a forma de concerto

clássico, que contribuiria para a evolução da sinfonia. No entanto, nos seus últimos anos de vida, caiu no esquecimento e a sua obra só seria ressuscitada em virtude do interesse dos românticos por Bach, uma vez que o compositor alemão se inspirou com frequência na música de Vivaldi.

Deixou uma obra impressionante: cerca de 650 composições instrumentais (entre as quais a célebre *Quatro Estações*), mais de 50 óperas (que têm sido entusiasticamente redescobertas nas últimas décadas), quatro oratórias, seis serenatas, 30 cantatas de câmara e cerca de 60 obras sacras.

Giovanni Sollima

Giovanni Sollima é um violoncelista e compositor reconhecido internacionalmente.

Colabora com artistas como Riccardo Muti, Yo-Yo Ma, Ivan Fischer, Viktoria Mullova, Ruggero Raimondi, Mario Brunello, Kathryn Stott, Giuseppe Andaloro, Yuri Bashmet, Katia e Marielle Labeque, Giovanni Antonini, Ottavio Dantone, Patti Smith, Stefano Bollani, Paolo Fresu, Elisa e Antonio Albanese e com orquestras como a Orquestra Sinfónica de Chicago, Filarmónica de Liverpool, Royal Concertgebouw Orchestra, Solistas de Moscovo, Konzerthausorchester de Berlim, Orquestra de Câmara Australiana, Il Giardino Armonico, Capela Napolitana, Accademia Bizantina e Orquestra do Festival de Budapeste.

Escreveu e interpretou música (para produções de cinema, teatro, televisão e dança) para Peter Greenaway, John Turturro, Bob Wilson, Carlos Saura, Marco Tullio Giordana, Alessandro Baricco, Peter Stein, Lasse Gjertsen, Anatolij Vasiliev, Karole Armitage e Carolyn Carlson.

Atuou em algumas das salas de espetáculos mais importantes do mundo, incluindo o Alice Tully Hall, Knitting Factory, Carnegie Hall (Nova Iorque), Wigmore Hall, Queen Elizabeth Hall (Londres), Salle Gaveau

(Paris), Teatro alla Scala em Milão, Ravenna Festival, Opera House em Sidney e Suntory Hall em Tóquio.

Desde 2010, Sollima leciona na Accademia Nazionale di Santa Cecilia, em Roma, onde recebeu o título de «Accademico».

Em 2012, fundou os 100 Cellos com Enrico Melozzi.

Giovanni Sollima toca um violoncelo de Francesco Ruggeri (Cremona, 1679).

Giovanni Antonini

Nascido em Milão, Giovanni Antonini estudou na Civica Scuola di Musica e no Centre de Musique Ancienne de Genebra. É membro fundador do *ensemble* barroco Il Giardino Armonico, que dirige desde 1989. Com este *ensemble* tem atuado como maestro e solista na flauta de bisel e na flauta transversal barroca na Europa, Estados Unidos, Canadá, América do Sul, Austrália, Japão e Malásia. É diretor artístico do Festival Wratlslavia Cantans na Polónia e maestro convidado principal da Kammerorchester Basel.

Atuou com muitos artistas de prestígio, incluindo Cecilia Bartoli, Kristian Bezuidenhout, Giuliano Carmignola, Isabelle Faust, Sol Gabetta, Sumi Jo, Viktoria Mullova, Katia e Marielle Labèque, Emmanuel Pahud e Giovanni Sollima. Reconhecido pela sua interpretação refinada e inovadora do repertório clássico e barroco, Antonini é também convidado

regular da Berliner Philharmoniker, Concertgebouworkest, Tonhalle Orchester, Mozarteum Orchester, Leipzig Gewandhausorchester, London Symphony Orchestra, Czech Philharmonic e Chicago Symphony Orchestra.

As suas produções de ópera incluem *Giulio Cesare in Egitto*, de Händel, e *Norma*, de Bellini, com Cecilia Bartoli no Festival de Salzburgo. Em 2018, dirigiu *Orlando* no Theatre an der Wien e regressou à Opernhaus Zurich para *Idomeneo*.

Em 2019, dirigiu *Giulio Cesare* para o La Scala, sala a que regressou em 2021 para *Così fan tutte*. Também voltou ao Theatre an der Wien em 2021 com *Rappresentatione di Anima, et di Corpo*, de Cavaliери.

Durante a temporada 2023–24, Antonini regressa à Bamberger Symphoniker, Tonhalle Zurich, SWR Symphonieorchester e Czech Philharmonic, além de ter vários projetos com o Il Giardino Armonico e a Kammerorchester Basel.

Com o Il Giardino Armonico, Antonini gravou vários CD de peças instrumentais de Vivaldi, J. S. Bach (*Concertos de Brandemburgo*), Biber e Locke para a editora Teldec. Para a Naïve gravou a ópera *Ottone in Villa*, de Vivaldi, e para a Decca gravou dois volumes com Julia Lezhneva. Para a Alpha Classics (Outre Music Group) lançou vários álbuns, incluindo *La Morte della Ragione*, explorando o seu interesse pela música renascentista através de coleções de música instrumental

dos séculos XVI e XVII. Com a Kammerorchester Basel gravou as Sinfonias de Beethoven para a Sony Classical e um disco de Concertos para Flauta com Emmanuel Pahud intitulado *Revolution* para a Warner Classics.

Antonini é diretor artístico do projeto Haydn2032, criado para gravar e interpretar com o Il Giardino Armonico e a Kammerorchester Basel as sinfonias completas de Joseph Haydn no 300.º aniversário do nascimento do compositor. Os primeiros 14 volumes foram lançados pela editora Alpha Classics, estando planeado o lançamento de dois volumes todos os anos.

Il Giardino Armonico

Fundado em 1985 e dirigido por Giovanni Antonini, o Il Giardino Armonico afirmou-se como um dos principais *ensembles* de instrumentos de época do mundo. O seu repertório centra-se nos séculos XVII e XVIII. Recebeu grande aclamação tanto por concertos quanto por produções de ópera, como *L'Orfeo*, de Monteverdi, *Ottone in Villa*, de Vivaldi, *Agrippina*, de Händel, *Il Trionfo del Tempo e del Disinganno*, *La Resurrezione* e *Giulio Cesare in Egitto* com Cecilia Bartoli durante o Salzburg Whitsun and Summer Festival, em 2012. Há muitos anos que é um *ensemble* exclusivo da editora Teldec Classics, conquistando importantes prémios pela gravação de obras de Vivaldi e outros compositores do século XVIII.

Colaborou com Cecilia Bartoli em diversos discos de sucesso como o *Vivaldi Album* (Decca, 2000 – Prémio Grammy), *Sacrificium* (Decca, 2009 – Álbum de Platina e Grammy) e *Farinelli* (Decca, 2019).

Com a Decca/L'Oiseau-Lyre o *ensemble* lançou álbuns aclamados como *Concerti Grossi* op. 6, de Händel, *Il Pianto di Maria* com Bernarda Fink e dois álbuns com Julia Lezhneva na Decca (*Alleluia*, em 2013, e *Händel in Italy*, em 2015).

A gravação de cinco Concertos para Violino de Mozart com Isabelle Faust (Harmonia Mundi, 2016) surge como resultado da prestigiada cooperação com a grande violinista, vencedora do Prémio Gramophone e do Le Choc de l'année em 2017. Foi publicado em agosto de 2023 um novo projeto centrado no virtuoso compositor P. A. Locatelli, com o qual venceram o Diapason d'Or. No segundo semestre de 2023 o *ensemble* lançou um volume centrado em concertos barrocos com o célebre tocador de bandolim Avi Avital (Deutsche Grammophone).

Em coprodução com o NFM Wrocław, o *ensemble* lançou *Serpent & Fire* com Anna Prohaska (Alpha Classics, 2016), tendo vencido o ICMA «Baroque Vocal», em 2017, e *La morte della Ragione*, em 2019, ganhando o Diapason d'Or e o Le Choc Classica. O álbum *Telemann* venceu o Diapason d'Or de l'année e o Echo Klassik em 2017. Um novo álbum de Vivaldi, *Concerti per flauto*, foi lançado em março

de 2020, tendo sido distinguido com o Diapason d'Or. Em outubro de 2020, novamente pela editora Alpha Classics, o *ensemble* lançou *What's next Vivaldi?* com Patricia Kopatchinskaja, focado tanto no célebre compositor quanto em alguns compositores contemporâneos italianos, tendo o disco sido premiado com o Opus Klassik em 2021.

O Il Giardino Armonico faz parte do projeto Haydn2032 para a gravação das Sinfonias de Haydn (Alpha Classics) e uma série de concertos temáticos.

Em 2015, *La Passione* venceu o Echo Klassik, enquanto *Il Filosofo* foi o «Choc do ano» pela *Classica*.

Solo e Pensoso foi lançado em 2016

e o *Il Distratto* conquistou o Prémio Gramophone em 2017. *La Roxolana*

foi lançado em janeiro de 2020,

L'Addio em janeiro de 2021, tendo

vencido o «Choc do ano» pela

Classica e o Diapason d'Or,

Les Heures du Jour saiu em julho

de 2021, conquistando o Diapason

d'Or, e *Hornsignal* foi lançado

em 2023.

A partir de janeiro de 2022 foi lançada

uma caixa de CD com os primeiros

10 volumes. A série foi enriquecida

com *Die Schöpfung*, lançado

em outubro de 2020 com o Coro

da Rádio Bávara.

JÁ A SEGUIR
24 MARÇO 2024

belém
soundcheck

Kremerata Baltica com Gidon Kremer

Fundada em 1997 por Gidon Kremer, a Kremerata Baltica é uma orquestra formada exclusivamente por jovens músicos bálticos selecionados pelo violinista. Desde a sua estreia, tem interpretado um repertório eclético, como será o caso deste concerto, onde será apresentado, com Gidon Kremer como solista, as peças *Fratres*, de Arvo Pärt, *Kādas biogrāfijas lappuses* de Georgs Pelēcis, *I like Schubert* do compositor lituano Vidmantas Bartulis e as *Cuatro Estaciones Porteñas* de Astor Pizzolla. Vamos ainda ouvir o Concerto para Piano n.º 2 de Chopin, pelo solista Georgijs Osokins.

**Concerto com audiodescrição
para pessoas cegas e com baixa visão.**

Dom, 17h00
Grande Auditório, M/6

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2023/2024



PROJETO CCB - CIDADE DIGITAL COFINANCIADO POR

